



GRUPO PARLAMENTAR
Entrado na Mesa às 15 H 30
Data 12 / 05 / 04

Secretário da Mesa,

João Pedro

VOTO DE PESAR nº 162/IX

PELA MORTE DE ANTÓNIO CHAMPALIMAUD

Se há pessoas com uma intervenção decisiva na economia portuguesa, António Champalimaud foi uma delas.

Foi-o, pelo seu espírito aberto, independente e empreendedor, que o levava a lutar contra protecctionismos de várias ordens, que tolham o desenvolvimento em Portugal.

Assim, sempre pugnou contra o condicionamento industrial e a favor de uma legislação amiga da economia, sem mecanismos burocráticos e inúteis, que impedem o livre exercício da actividade empresarial.

Foi-o também, pela sua visão estratégica, que prefigurou uma Europa unida e o levou a organizar as suas empresas para concorrer num mercado alargado.

Foi, à época, um defensor do Mercado Comum.

Foi-o ainda, pelo modo como procurou que as suas empresas tivessem uma massa crítica e uma dimensão que lhes permitisse um sã desenvolvimento, num mundo cada vez mais competitivo.

Apesar da sua estreita ligação à actividade financeira, António Champalimaud foi sobretudo um industrial.

O seu dinamismo estendeu-se aos sectores da siderurgia, da metalomecânica pesada, do papel e da química e o núcleo essencial da actual indústria cimenteira portuguesa proveio das empresas que liderava.

As suas empresas estavam equipadas com tecnologias avançadas e foi capaz de instalar, na fábrica de Alhandra, o maior forno de cimentos do mundo.

Fundou e desenvolveu empresas industriais em Portugal, em Angola, em Moçambique e no Brasil.

Criou emprego e trouxe progresso económico.

Banqueiro, soube utilizar a Banca como alavanca para a indústria e a actividade económica, e não apenas com a finalidade de mera intermediação financeira.

E soube fazê-lo, sem pôr em causa a solvabilidade das instituições que liderava, a qual prezava acima de tudo.

Procurou fazer um grande Banco, em Portugal, com dimensão internacional, através da junção do Banco de que era accionista principal, o Sotomayor, com o Banco Português do Atlântico, renunciando, assim, todo o movimento de concentrações que se haveria de verificar décadas depois.

Igualmente na linha do condicionamento ao exercício da actividade económica, foi impedido de desenvolver o seu grande projecto de Sines.

Dono de empresas, mas considerando que a propriedade não lhe dava o monopólio da razão, sempre soube rodear-se de bons profissionais, apreciando a troca inteligente de argumentos e o aconselhamento técnico qualificado.

Nestes tempos, em que tanto se apela, por essencial, à competitividade e à produtividade, António Champalimaud continuará a ser um exemplo para a indústria e os industriais portugueses.

Foi um capitalista, no sentido nobre da palavra: não deixou o capital inactivo, antes o colocou ao serviço do desenvolvimento.

Foi um empresário: correu riscos.

Capitalizando as empresas, dotou-as de tecnologia avançada e de organização adequada.

Buscou a inovação, criando emprego e desenvolvimento, em base sustentável.

Teve uma vida empresarial intensa.

Mas, na intensidade da sua vida, não esqueceu a História e a identidade nacional: foi decisiva a muito significativa contribuição financeira para o início da recuperação dos campos de batalha históricos, entre os quais Aljubarrota, visando dotá-los de equipamentos, que reavivam a memória do passado, como forma de preservar a identidade nacional.

Por tudo isto, a Assembleia da República curva-se perante a sua memória e endereça aos seus filhos e a toda a sua família sentidas condolências.

Palácio de São Bento, 12 de Maio de 2004

Os Deputados,

Guilherme Seabra
M. Almeida
Miguel Albuquerque
João Pedro
D. Duarte Pacheco
José Manuel (Novos M60)
Luís Vasco
(Sendo assim)